

## EP 01 – Ignácio de Loyola Brandão

Um dos meus livros preferidos, e que eu acho um dos melhores livros de todos os tempos, foi “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos. E esse livro me foi apresentando pelo meu professor de português no ginásio, em Araraquara, quando eu tinha quinze anos, e me marcou muito fortemente.

-

É a história de um casal que sai do seu lugar, onde está tudo morto, deserto, uma coisa agreste, áspera, uma vida difícil, e vem caminhando pelo sertão, vem caminhando, rumo ao sul provavelmente. E uma série de incidentes vão ocorrendo naquelas pequenas cidades, naquelas vilas também, quase vilas mortas. E nessa história ele mostra o quê? Toda a condição do Brasil, todo problema do Nordeste, todo problema da fome, todo problema da sede, todo problema dos retirantes e daqueles que estão deixando a terra, um êxodo, em busca de condições.

-

O personagem maior desse livro, por incrível que pareça, e um dos grandes personagens da literatura brasileira, é a cadela Baleia. Um cachorrinho vagabundo, vira-lata, mas com aquela fidelidade, aquela dedicação aos donos, com aquele amor. Eu lia e eu dizia assim “pô, mas a Baleia, que impressionante, só falta falar”. E de repente você percebe que a Baleia está falando, porque o olho dela, o latido dela, a diferença entre o latido e outro mostram atitudes e emoções, a tristeza ou alegria de um personagem.

-

É um dos livros mais dramáticos da nossa literatura. E por que que me encantou? E por que que até hoje, quando eu escrevo, eu penso em “Vidas Secas”, na linguagem absolutamente seca, absolutamente descarnada, como Graciliano dizia? Porque ele dizia assim “use a palavra certo e acabou”.

Escrever é usar a palavra assim como as lavadeiras faziam no rio, que molhava a roupa, torcia, torcia, torcia, e molhava de novo, torcia, torcia, torcia até ela ficar completamente seca. E a palavra não foi feita para enfeitar, a palavra foi feita para contar. E isso ficou na minha cabeça até hoje. Cada vez que eu leio, que eu escrevo, eu olho, e eu leio, releio, trabalho, deixo dormir, volto... para saber se eu não estou colocando palavras demais.

-

Então Graciliano é para mim exemplo de um autor, um modelo, um paradigma, que eu gostaria de seguir. Mas os grandes livros que marcaram, desde Cervantes que tem quatrocentos anos, até Moll Flanders, que tem trezentos, até a atualidade, é o que? É um grande personagem, um personagem que tem uma relação com o lugar que ele vive, com a sociedade que ele vive, com a comunidade onde ele está, e que tenha um drama, ou uma comédia, ou algo que reflita alguma coisa que está dentro de mim, cidadão, ou dentro de você, dentro da gente.

Por que esses grandes livros ficam? Porque eles refletem a condição humana. Quando ele reflete a condição humana, esse livro vai ficar. E que isso serve para você às vezes modificar sua vida. Para mim é esse o grande livro.